



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8935 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

Entre o diálogo e o conflito: Educação Popular em Saúde e movimentos populares enfrentando o negacionismo

Ana Paula Massadar Morel - UFF - Universidade Federal Fluminense

### **Entre o diálogo e o conflito: Educação Popular em Saúde e movimentos populares enfrentando o negacionismo**

#### **Resumo**

Em plena pandemia da Covid-19, acompanhamos o crescimento do negacionismo em relação aos conhecimentos em saúde. Uma de nossas hipóteses é que há uma “crise de interpretação” (Valla, 1996) que aponta a “ignorância” como causa única da popularização do negacionismo. Buscaremos ir além dessa interpretação comum, procurando conhecer e problematizar o fenômeno na sua complexidade. Compreendendo o vínculo indissociável entre educação popular e movimentos sociais, discutimos tal questão a partir de pesquisa participante com movimentos de favela no Rio de Janeiro. Percebemos como é preciso diferenciar as posições envolvidas na difusão do negacionismo: há aqueles que negam visando o lucro, a partir de um desejo de morte e extermínio, e os que entram em negação por conta de uma realidade tão dura de que são vítimas. Diante disso, as ações educativas em saúde que têm por referência a educação popular em saúde são estratégias importantes para o enfrentamento de tal fenômeno, caminhando entre o conflito e o diálogo.

Palavras-chave: Educação Popular em Saúde; negacionismo; movimentos sociais; favelas; pesquisa participante

#### **Apresentação**

Em plena pandemia da Covid-19, acompanhamos o crescimento do negacionismo em relação aos conhecimentos em saúde, estimulado pela ascensão da extrema direita e sua política de morte. São expressivas as narrativas que diminuem a gravidade da pandemia, muitas vezes baseadas na disseminação de notícias falsas. Tal crescimento é extremamente preocupante, na medida em que conter o avanço da pandemia depende não apenas do trabalho dos cientistas e profissionais de saúde, mas também de como os conhecimentos e cuidados em saúde estão presentes e se relacionam com as diferentes realidades da população. Nesse momento, a educação popular em saúde, por sua preocupação com o diálogo e a transformação social, nos traz ferramentas para problematizar e enfrentar o negacionismo, mas também se depara com novos desafios.

A educação popular em saúde recupera o legado de Paulo Freire para a área da saúde, reconhecendo a importância de considerar as condições de vida da população no trabalho em saúde e promovendo redes de apoio social a partir do diálogo com as diferentes realidades das classes populares. Tais preocupações nos parecem ainda mais relevantes no contexto da pandemia da Covid-19, que tem atingido a população de maneira nada “democrática”. O próprio crescimento do negacionismo tampouco alcança a população de maneira “democrática”. Há diferentes posições envolvidas em tal fenômeno, que tem afetado especialmente o cotidiano dos profissionais de saúde, cientistas, professores e educadores em saúde, que têm suas práticas e conhecimentos questionados e, em casos extremos, chegam a ser hostilizados.

O negacionismo da pandemia da Covid-19 não pode ser pensado como um fato isolado, pois está articulado a outros negacionismos, como o negacionismo climático, o negacionismo histórico, o negacionismo científico e o negacionismo do racismo, formando um fenômeno complexo e heterogêneo que ganha cada vez mais espaço no Brasil e no mundo hoje. Para Bruno Latour (2020), a crise que impulsionou os negacionismos se instaura a partir da década de 1980, quando, diante do colapso ecológico, as classes dirigentes, os “perpetradores” do negacionismo, chegam à conclusão de que não há mais lugar suficiente para todos na terra, abandonando qualquer ideário mesmo longínquo de solidariedade e a própria ideologia de um planeta comum. Para dissimular tal abandono, passam a negar o conhecimento científico sobre a questão climática e outras questões fundamentais para as classes populares. Esse cenário tem como sintoma a explosão das desigualdades e a fratura de um mundo compartilhado, que, com todas as suas contradições, possibilitava ainda algum solo comum (LATOUR, 2020). O negacionismo se ancora, então, em um “déficit de práticas comuns” e não em um “déficit de conhecimento”. Mais do que corrigir uma falha de pensamento, seria preciso, portanto, partilhar desafios comuns, vislumbrando um panorama a ser explorado conjuntamente.

Um dos fatores que intensificam o “déficit de práticas comuns” é o próprio distanciamento que existe muitas vezes entre as políticas de saúde e as realidades das classes populares. Esse distanciamento abre espaço para o negacionismo: ao perceber que os conhecimentos científicos muitas vezes trazem indicações que não dialogam com determinadas realidades sociais, parte da população pode acabar buscando outras referências.

Diante disso, percebemos que há também uma “crise de interpretação”, para usar o termo de Valla (1996), por parte de educadores e profissionais de saúde em relação ao problema do negacionismo. Segundo o autor, ao não priorizar a vida dos sujeitos nas práticas de educação em saúde, muitos educadores e profissionais de saúde não escutariam adequadamente as falas da população e não compreenderiam o modo como operam seus saberes. Desconectados da realidade vivida pelas classes populares, esses educadores e profissionais de saúde têm dificuldade para compreender o fenômeno da popularização do negacionismo a partir do falar e fazer dos seus interlocutores. Nesse sentido, acabam por atribuir o crescimento do negacionismo à simples ignorância, “falta de informação” ou “déficit de conhecimento” (LATOUR, 2020), e veem como única resposta possível a esse fenômeno o retorno a um “positivismo estratégico” (LATOUR, 2014) baseado na defesa da ciência como único conhecimento válido, em detrimento de outros conhecimentos.

A educação popular em saúde nos possibilita compreender tal fenômeno partindo da escuta dos saberes populares e enfrentando justamente o fosso que separa os educadores e profissionais de saúde da vida cotidiana da população (VASCONCELOS, 2017). Por considerar a saúde como parte da trama social, cultural e política, é uma tarefa contemporânea da educação popular em saúde problematizar a propagação de discursos negacionistas e suas implicações para a saúde da população. Procuramos, então, problematizar o fenômeno do

negacionismo na sua complexidade no diálogo com referências acadêmicas e movimentos sociais que têm se debruçado sobre o tema. Como dito por Paulo Freire, “eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la.” (1979, p.16). Tal tarefa caminha de mãos dadas com a discussão sobre as ações educativas em saúde que têm por referência a educação popular em saúde como estratégias importantes para o enfrentamento de tal fenômeno, especialmente os movimentos de favela no Rio de Janeiro, com quem realizamos pesquisa participante desde o início da pandemia. Este trabalho parte, então, da compreensão que a educação popular tem nos e desde os movimentos sociais sua renovação teórica mais fecunda (PALUDO, 2005).

### **Movimentos populares na pandemia**

Desde o início da pandemia no Brasil, movimentos populares dos mais diferentes contextos urbanos e rurais vêm promovendo iniciativas coletivas para enfrentar a disseminação da Covid-19 e do negacionismo nos seus territórios. Por estarmos envolvidos em pesquisa participante junto de uma dessas iniciativas ligadas ao Pré-Vestibular Comunitário Machado de Assis, no Morro da Providência, favela na área central do Rio de Janeiro, discutiremos um pouco mais como tem se dado a organização dos movimentos de favela no Rio de Janeiro. Temos como referência também os documentos produzidos pelos coletivos de comunicação comunitária na Maré, uma das primeiras favelas do Rio a se mobilizar durante a pandemia, iniciando a campanha chamada “Coronavírus nas favelas”.

No Morro da Providência, foi criado um “gabinete de crise” reunindo diversos coletivos da favela organizando mutirões de comunicação comunitária, a partir do diálogo com os moradores sobre os cuidados em saúde, mapeando também qual era a situação de saúde das famílias. Além disso, o Pré-Vestibular se uniu à comunidade escolar da região organizando distribuição de cestas básicas e máscaras, mobilizando estudantes e familiares. Tais ações se deram diante de um contexto de extrema desigualdade e violência que atravessa a cidade.

Por conta das características sociais e ambientais das favelas, a ocorrência da Covid-19, a gravidade dos casos e a letalidade da doença apresentam maior magnitude (FIOCRUZ, 2020, p. 17). Diante disso, muitas são às críticas dos educadores populares à concepção hegemônica da educação sanitária que acaba sendo elitista e excludente pois não considera as condições de vida dos moradores de favela. (COLETIVOS MARÉ, 2020, s/p).

A partir da nossa experiência com os movimentos populares, percebemos como o próprio problema do negacionismo se relaciona diretamente com as condições de vida extremamente desiguais. Destacamos uma frase dita por um morador do Morro da Providência ao justificar que seguiria trabalhando como camelô durante a pandemia: “É melhor morrer de vírus do que morrer de fome”. Vemos como não se trata de reproduzir posturas negacionistas por uma questão de “ignorância”, esse morador conhece muito bem as suas condições de vida e sabe que se não continuar a trabalhar poderá adoecer antes mesmo de ser infectado pela covid-19.

Há, então, diferentes posições: os governantes empenhados em negar a gravidade da doença, que sabem das consequências nocivas dos seus atos, ocupam uma posição distinta daquela de um trabalhador informal, por exemplo, que não tem condições de colocar em prática o isolamento e acaba minimizando os perigos da doença. São diferentes maneiras de “não ver” entre perpetradores, vítimas e espectadores que trazem efeitos distintos (DANOWSKI, 2020). E muitas variações dentro dessas posições.

Os movimentos têm apontado a importância do diálogo com a comunidade, considerando as condições de vida, mas também sabem a importância do conflito com os

perpetradores da necropolítica. No dia 07 de junho de 2020, movimentos de favela e movimentos negros realizaram uma manifestação no centro do Rio de Janeiro com a seguinte palavra de ordem: “Nem de tiro, nem de covid, nem de fome, o povo negro quer viver.”. No chamado para a manifestação que buscava ampliar a solidariedade entre os movimentos e denunciar a “política de morte” em curso “Derrotar o sistema racista significa enfrentar a política genocida dos governantes, mesmo que isso signifique arriscar a nossa vida em meio à uma pandemia.” (MOVIMENTOS DE FAVELA, 2020, p.1). Carlos Brandão (2018) ao discutir as aproximações entre a educação popular e a pesquisa participante chama a atenção para o fato de que os movimentos sociais populares são espaços de formação, portanto educativos. Os educadores populares dos movimentos de favelas têm trazido ensinamentos importantes nesse momento, caminhando entre o diálogo com as vítimas do negacionismo e o conflito com os perpetradores dessa política. Tais caminhos nos remetem à defesa freiriana do diálogo e do conflito como faces da estratégia dos oprimidos: “a Pedagogia do Conflito não pode prescindir do diálogo (...) ou do grito, para botar abaixo o poder que nega a palavra.” (FREIRE, GADOTTI, GUIMARÃES, 1986, p. 93). A máxima de Paulo Freire (2018), segundo a qual o diálogo não pode se dar com antagônicos, mas deve ser ampliado com iguais e diferentes, ganha importante reverberação no contexto atual.

### Considerações finais

Acreditamos que situar o negacionismo da pandemia dentro de um fenômeno mais amplo é fundamental para a ação dos educadores em saúde. Isso envolve destrinchar sua origem e sua relação com determinadas forças políticas, econômicas, com a necropolítica e, ainda, tratar dos motivos de sua popularização. São discussões em fase inicial que permeiam esta pesquisa e permitem problematizar o negacionismo. Nesse caminho, é preciso escutar as classes populares, identificando os fenômenos complexos envolvidos.

Discutir sobre os caminhos da educação popular em saúde no contexto atual, reconhecendo seus novos desafios e potencialidades hoje, é outro ponto de contribuição deste trabalho. Tal perspectiva nos permite também aprender com os movimentos sociais que produzem ações-reflexões coletivas tão importantes. Quando o negacionismo acentua a ausência de um mundo compartilhado, o diálogo e a retomadas das redes de apoio social são fundamentais. É preciso também enfrentar os antagônicos, perpetradores do negacionismo e da necropolítica, empenhados em negar a vida das classes populares.

### Bibliografia

BRANDÃO, Carlos; PAULO, Fernanda. Pesquisa Participante e a Educação Popular: luta e resistência a partir de Paulo Freire e de educadoras populares. *Revista Panorâmica On-Line*, Barra do Garças – MT, v. 24, p. 256 – 268, jan./jun. 2018. ISSN - 2238-921-0

COLETIVOS MARÉ. *Complexo da Maré contra o coronavírus*. Disponível em: <https://www.vakinha.com.br/vakinha/complexo-da-mare-contra-o-coronavirus>. Acesso em: 28 mar. 2020.

DANOWSKI, Déborah. “Não tem mais mundo pra todo mundo”, diz Deborah Danowski [entrevista a Amaral M]. *A Pública*, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/nao-tem-mais-mundo-pra-todo-mundo-diz-deborah-danowski/2020>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FIOCRUZ. *Boletim Observatório Covid-19 – 6 meses*. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim\\_covid\\_6meses.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_covid_6meses.pdf)

Acesso em: 27 out. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

LATOUR, Bruno. *Onde Aterrorar*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. Proferido em Paris em novembro de 2013. Revista de Antropologia, São Paulo, Universidade de São Paulo, v.57, n.1, p.11-31, 2014.

MOVIMENTOS DE FAVELA. *Manifesto da II Marcha Antirracista Vidas Negras Importam no Rio de Janeiro*. Disponível em: [http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id\\_article=36247](http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=36247). Acesso em: 26 out. 2020.

PALUDO, Conceição. *Educação Popular e Movimentos Sociais*. Disponível em: <https://rest.formacontrolesocial.org.br/materials/conceicao-paludo.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

VALLA, Victor Vincent. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. *Educação & Realidade*, v. 21, n. 2, p. 177-190, 1996.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Redefinindo as práticas de saúde a partir da educação popular nos serviços de saúde. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão. *A saúde nas palavras e nos gestos*. São Paulo: Hucitec, 2017. p. 19-33.